



Iniciação à Docência no PIBID/UNEB: práticas de leitura e escrita

Initiation Teaching In PIBID/UNEB: reading and writing practices

Initiation à L'enseignement au PIBID/UNEB: pratiques de lecture et d'écriture

Simone Teles da Silva Santos¹
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este artigo apresenta a aplicação de uma oficina, utilizando-se o gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQs). Discute a importância da utilização do gênero textual HQs, enquanto forma de sensibilizar os estudantes para a ampliação do desenvolvimento do nível de leitura e escrita. Adotou-se a abordagem qualitativa e a pesquisa do tipo participante, tendo como instrumento para coleta de informações a observação e a entrevista semiestruturada. Para análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo. Os resultados evidenciaram que os textos do gênero HQs utilizados como facilitadores de ensino-aprendizagem não só contribuíram para o desenvolvimento dos estudantes, mas também estimularam a criatividade e o incentivo à leitura e à escrita.

Palavras-chave: Letramento. Oficina. Leitura. Escrita. PIBID.

Abstract: This article presents the practice of a workshop, which used the Comic Stories textual genre. It discusses the importance of using the Comic Stories textual genre as way of raising students' awareness on further developing their reading levels. We conducted qualitative and participant-type research as a tool for information collection: observation and semi-structured interview. As for data analysis, we adopted content analysis technique. Results proved that when Comic Stories are used as a facilitating tool in teaching and learning process, it not only contributes to students' development, but also fosters their creativity, reading and writing.

Keywords: Literacy. Workshop. Reading. Writing. PIBID.

Résumé: Cet article présente l'application d'un atelier, en utilisant le genre textuel des bandes dessinées (BD). Ceci étant, Il traite de l'importance d'utiliser les bandes dessinées comme un genre textuel un moyen de sensibiliser les élèves à l'extension du développement du niveau de lecture et d'écriture. Nous avons adopté une approche qualitative et la recherche des participants, avec l'observation et les entretiens semi-structurés comme un instrument de collecte d'informations. L'analyse du contenu a été utilisée pour l'analyse des données. Les résultats ont montré que les textes du genre BD utilisés comme facilitateurs de l'enseignement et de l'apprentissage ont non seulement contribué au développement des étudiants, mais ont également stimulé la créativité et l'encouragement de la lecture et de l'écriture.

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Educação Ambiental, Políticas Públicas e Gestão Social dos Territórios – GEPET – UNEB. Especialista em Inovação Social com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: simone.teles.silva@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8378440652964246>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7016-1163>.

Mots clés: L'alphabétisation. Atelier. La lecture. L'écriture. L'IEDP.

Recebido em: 19 de março de 2021

Aceito em: 10 de junho de 2021

Introdução

A unidade escolar municipal localizada na cidade de Bom Jesus da Lapa recebeu, no ano de 2014, bolsistas que desenvolveram o subprojeto “PRÁTICAS DE LETRAMENTO: tecendo saberes por meio dos gêneros textuais”, por meio do incentivo do programa PIBID² / FAPESB³. Nesse sentido, a oficina de Histórias em Quadrinhos (HQs), utilizada como metodologia da disciplina de Língua Portuguesa, realizada em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, teve como objetivo oportunizar ações do gênero textual HQs, via de acesso ao letramento, oficina composta pela construção de gibis feitos pelos alunos, tendo como foco para essas ações o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura. Utilizou-se o gênero textual para proporcionar aos alunos a oportunidade de melhoramento na produção textual, compreender textos e lidar com a linguagem oral e escrita em cada situação de comunicação, sensibilizando os alunos a construir práticas de leitura e escrita.

Os gêneros textuais são um dos meios de se trabalhar a linguagem de maneira prazerosa e utilizar o lúdico no desenvolvimento de atividades, proporcionando aos alunos a prática de desenho, escrita e leitura, sendo este um dos aspectos para o desenvolvimento de habilidades com atividades criativas, interação lúdica por meio de histórias em quadrinhos, na contribuição do gênero, permeando os eixos de aprendizagem e transformação de atitudes no decorrer da vida, por facilitar o processo de compreensão e o uso da linguagem.

Assim, os gêneros textuais utilizados como instrumentos facilitadores, em situações de uso da língua, são imprescindíveis para o desenvolvimento de habilidades do sujeito. O gênero HQs na construção de gibis foi trabalhado em situações de leitura e escrita, objetivando a expressão oral, e atividades práticas que contribuíssem para melhorias na aprendizagem de leitura e escrita mediante o desenvolvimento da oficina

² O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é “[...] uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino” (CAPES, 2018, *apud* UNEB, 2019).

³ Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB).

intitulada: **INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID/UNEB: práticas de leitura e escrita**. A turma foi composta por 24 alunos matriculados. Intercedida pela interação e aprendizagem, teve como uma das inquietações: Como o gênero HQs pode contribuir para melhoria do nível de escrita e leitura dos alunos do 5º ano da unidade escolar? Assim, com o questionamento acima e as discussões nas reuniões das bolsistas (ID) e coordenadores, foram realizadas discussões sobre atividades, propostas de trabalho e análise das atividades desenvolvidas na escola, no âmbito do grupo PIBID-FAPESB, tendo como pano de fundo as considerações propostas por alguns autores que pesquisam sobre tema deste trabalho, como Kleiman (1995), Tfouni (2010), Vilela (2014), Vergueiro (2014), Marcuschi (2008), Bari (2008), entre outros.

Nesse sentido, este texto apresenta e discute qual a importância do gênero textual HQs para a melhoria do nível de leitura e escrita dos alunos da escola, no componente curricular Língua Portuguesa.

Desenvolvimento

Letramento

Historicamente, o que se entendia por letramento há algum tempo tomou rumos de observações diferenciadas por autores que discordam da abordagem do termo ou que não tomam para si o que antes se definia por letramento. Segundo Tfouni (2010, p. 31),

Letramento ainda não se define em um único conceito, pois quando se fala de “LETRADO” tem-se um entendimento de sujeito que conhece muitas letras. Assim o uso da palavra letramento, vem sendo utilizada em um contexto muito amplo, com características diversificadas e em vários tipos de textos.

Contudo, após ser considerado com o intuito educacional assistencialista, da alfabetização na educação, o letramento passou a ser descrito a partir de uma nova ótica, alçando o seu conceito a uma nova posição nas abordagens educacionais. Soares e Batista (2005, p. 47) indicam que o letramento vem do conceito de alfabetização. Já no sentido de letramento, os autores discorrem que este é o “[...] ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que possui as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever (SOARES; BATISTA, 2005, p. 47).

As considerações da autora nos fazem refletir sobre ações e processos identificados nas escolas, e a mesma colocação pode ser levada a finco em seu discurso, uma vez que letrar não transcorre pelo processo de aquisição de aprendizagem de leitura e escrita,

mas pela vivência em meio aos tantos modos verbais e textuais inseridos na sociedade, o qual pode ser o foco principal de abordagem.

Alguns pesquisadores defendem que a criança mesmo não sendo alfabetizada pode ser letrada, pois ela convive em espaços letrados, formula situações nas quais contextualiza o letramento, está inserida em uma comunidade de pessoas praticantes da leitura e descreve narrativas como em um contexto próprio de uma pessoa praticante da leitura, mesmo em momentos de brincadeiras em que insere o brincar de ler e escrever. Soares e Batista (2005, p. 51) colocam que a criança “ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é, de certa forma, letrada, tem já um certo nível de letramento”. Portanto, a autonomia que a criança letrada pode adquirir perpassa por definições, hábitos e aspectos exercidos em suas práticas cotidianas. Assim, ser letrado não significa saber ler ou escrever, em conformidade com o que expõe Kleiman (1995, p. 17): “a palavra ‘letramento’ não está ainda direcionada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito”. Definir uma pessoa como letrada, tornar as “perspectivas e práticas sociais da escrita”, aborda aspectos que somente o próprio sujeito adquire mediante o seu modo de vida.

Kleiman (1995, p. 17) acrescenta que “ser letrado significa ter desenvolvido e usar uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem [...]”. As abordagens que revelam a utilização e as práticas exercidas em sala de aula transformam a metodologia do educador e o modo de mediar o contexto nas produções textuais. Marinho e Carvalho (2010, p. 463) destacam o período de aprendizado de letramento como sendo a prática de desenvolvimento textual com estágios de leitura e escrita, e questionam sobre quais elementos estariam envolvidos nesse processo. Contudo, observar o progresso de uma turma na ampliação do contexto de produção de textos requer atenção para o tempo determinado e utilizado em sala de aula para as atividades de letramento.

As práticas cotidianas de sala de aula e o tempo atribuído a cada atividade proporcionam aos estudantes meios de aquisição para o letramento, sendo que atribuir um tempo maior a determinada prática torna, de acordo com o contexto do que está sendo passado para o aluno, satisfatórios ou não os resultados do processo.

Gêneros textuais

O trabalho com a temática gênero é palco de muitas discussões, as quais proporcionam grandes reflexões sobre o assunto, dando luz a uma diversidade de abordagens para seu melhoramento, na utilização dos recursos mediados pelos gêneros, abrangendo propostas de

sensibilização para a importância de seu desenvolvimento em sala de aula. Prevê também maneiras de modificar a metodologia, observando que as formas de apresentação lúdica podem conduzir a melhores resultados.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

O autor russo ressalta que os gêneros e suas várias formas são definidos entre vários contextos, sendo eles “orais e escritos”, e que os gêneros utilizados no cotidiano estão representados por uma heterogeneidade, atribuídos em uma ordem contextualizada num conjunto que inclui representações em diversificados repertórios atribuídos à leitura e à escrita, que também podem ser representados como documentos (BAKHTIN, 1997, p. 280). Assim, o que se discute para o trabalho em sala de aula caracteriza a função social importante do modo de lidar com gêneros e suas funções. Escrever textos pode envolver maneiras e funcionalidades pertinentes à linguagem e seus estilos. Conforme Val et al. (2007, p. 21):

Tudo que discutimos até agora nos leva a concluir que, na sala de aula, o trabalho com os gêneros não deve ser reduzido aos aspectos formais, uma vez que eles são determinados não só pela forma, mas também pela função, pelo suporte, pelo contexto em que circulam e, sobretudo, pela ação de linguagem que efetivam nos contextos sociais em que ocorrem.

As autoras expõem que vários aspectos nos levam a perceber como se deve inserir os gêneros na sala de aula e trabalhar com eles, indicando que essa função pode ser efetiva na linguagem, direcionada aos contextos sociais nos quais cada um está inserido. Já nos aspectos relativos ao início dos estudos, Marcuschi (2008) expõe que a abordagem em relação aos gêneros não é algo atual, pois em alguns locais eles já têm sido utilizados há mais de vinte séculos, mesmo considerando sua observação sistemática.

Os estudos sobre os gêneros textuais só tiveram início formal nos últimos decênios que transcorridos no século XX. Marcuschi (2008, p.147) localiza a expressão “gênero” em um contexto utilizado na Idade Média, mas expõe que na atualidade o gênero é utilizado e se atrela apenas “à literatura”. Contudo, o autor realiza uma diferenciação entre o que é “gênero” e “tipo” textual, e de quais formas podemos encontrá-los, trazendo uma contraposição junto aos modos de apresentação deles. Assim, o autor explica que os gêneros textuais podem ser constituídos para a comunicação, e que se apresentam geralmente no dia a dia, em relações que abrangem um conjunto técnico com abordagens diversas expressas principalmente na forma verbal: “como tal, os gêneros são formas

textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p.155). Ao desenvolver a linguagem oral e escrita, trabalhamos os conceituados gêneros em nosso dia a dia por meios muitas vezes desconhecidos, até mesmo em nossas articulações de voz (discurso), explorando as formas verbais existentes. Desse modo, Marcuschi (2008, p.84) apresenta que:

Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como *prática social* e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem.

Em relação às formas com que se apresentam os gêneros em sua plenitude, há diversas configurações específicas, transcorrendo em múltiplas configurações de apresentações textuais. Nesse sentido, Marcuschi (2008) aborda que são variados os aspectos presentes nos gêneros, contudo, ao verbalizar, o sujeito está utilizando um gênero, sendo que se torna impossível realizar a fala sem lançar mão do gênero verbal, ou seja, ao se comunicar de qualquer maneira, tanto por cartas, bilhetes, entre outras formas de escrita, a utilização do gênero está presente e pode ser representado por distintas formas verbais. “Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de *gênero textual* no trato sociointerativo da produção linguística [...]” (MARCUSCHI, 2008, p.154). Assim como os gêneros podem ser vistos como entidades comunicativas, as demais referências abordadas por ele transformam os meios comunicativos e sociointeracionistas de comunicação por meio de sua utilização.

Os trabalhos, os processos e os meios de interação, como as formas de ensinar a língua e os meios escritos, também passam por transformações. A forma narrativa em que são classificados os gêneros permeia aspectos por meio dos quais o aluno desenvolve habilidades para a escrita de textos. Diante disso,

A narrativa de enigmas (a narrativa de um crime e de sua investigação) é um texto particularmente apreciado pelos pré-adolescentes. Anteriormente desprezado ou ignorado pela escola e atualmente valorizado pelas coleções de mistérios na literatura para a juventude, esse gênero narrativo constitui um excelente meio para iniciar os alunos na leitura e na escrita de textos. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 160).

Dessa maneira, os alunos, ao reconhecerem os tipos de gêneros para poder trabalhá-los, de modo a recorrer a eles como subsídio de informação, visando à aquisição do aprendizado, descobrem que o conhecimento sobre os gêneros e suas classificações exemplificam a sua utilidade.

Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos se constituem no meio dos gêneros caracterizados como domínio discursivo e gênero textual na oralidade e na escrita. “Na Europa, a utilização dos quadrinhos como apoio ao tratamento de temas escolares de forma lúdica, possibilitando um processo de aprendizado mais agradável aos leitores, acentuou-se durante a década de 1970” (VERGUEIRO, 2014, p. 19).

Já no Brasil, as HQs tiveram seu fortalecimento bem antes que na Europa e, segundo abordado por Bari (2008, p. 48), entre “1950 e 1960, foi o período do fortalecimento das HQs no Brasil”. O autor se refere aos principais “quadrinistas” que representam os quadrinhos no Brasil, e entre eles estão referenciados “Maurício de Sousa e Ziraldo Alves Pinto”, que foram os pioneiros das HQs, legitimando e encantando famílias com essa arte no país. Esse gênero textual está classificado como forma de domínio discursivo ligado ao lazer, em forma escrita unida à oralidade, presente em fofocas, piadas, adivinhas e jogos teatrais.

Em se tratando das formas de apresentação e os procedimentos caracterizados pelos gêneros no ensino da língua portuguesa no ensino fundamental, Marcuschi (2008, p. 213) destaca:

Os procedimentos têm um caráter modular e levam em conta tanto a oralidades como a escrita. O trabalho distribui-se ao longo de todas as séries do ensino fundamental. A ideia central é a de que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores.

Os gêneros como meio de reprodução devem trazer ao produtor e ao receptor uma relação de entendimento do que está sendo descrito nas situações demonstradas. Assim, tanto um quanto o outro devem estar atentos ao contexto a que se refere a oralidade e a escrita presentes nas HQs, que podem ser formas de se trabalhar com gêneros textuais. Segundo Bari (2008), as HQs contribuem para o desenvolvimento e o aprendizado, pois esse gênero está representando “funções sociais” que podem mediar o gosto pela leitura, intervir na representação do sujeito em meio à sociedade, de forma crítica, e, desse modo, elas se tornam tanto mediadoras quanto meio para o letramento das crianças.

A partir das HQs, colocam-se situações diversas, podendo elas estarem inseridas no contexto escolar, como relação ao trabalho prático pedagógico. Nesse sentido, Vergueiro (2014, p. 19, 20) afirma que “na Europa, a utilização dos quadrinhos como apoio ao tratamento de temas escolares de forma lúdica, possibilitando um processo de aprendizado mais agradável aos leitores, acentuou-se durante a década de 1970”. Coloca ainda que os resultados atribuídos à utilização das

HQs são relevantes, pois estão cada vez mais presentes nos livros didáticos, mediando o contato e o uso delas por professores nas escolas, a fim de diversificar o processo de ensino.

A partir das observações de Vergueiro (2014), podemos perceber que em meio ao ambiente escolar, as propostas que se apresentam com uma abordagem nas HQs podem trazer “resultados favoráveis”, atribuindo o trabalho disciplinar com referência a esse gênero ligado ao lazer e à aprendizagem de forma agradável e prazerosa. O autor acrescenta ainda que “as histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu censo crítico” (VERGUEIRO, 2014, p. 21). Nesse sentido,

A leitura de histórias em quadrinhos potencializa o gosto pela leitura deste e de outros suportes de informação e conhecimento, preparando o leitor para a decodificação e apropriação plena das diferentes linguagens, dando-lhe proficiência, estimulando o raciocínio analógico e a criticidade. (BARI, 2008, p. 23).

Nesse contexto, as mediações do trabalho com histórias em quadrinhos perpassaram pela leitura, escrita e a aprendizagem de forma lúdica e prazerosa, desvendando os desafios e os modos de apresentação das HQs, todavia, fazendo referência ao aprendizado do aluno que, por sua vez, o transformaria em novas HQs.

Os tipos de balões

Na oficina trabalhada, foram apresentados aos alunos formas, tipos e significados dos balões. Dentre os apresentados, estavam os balões nos formatos de cochicho, sono, amor, música, frio, ideia, onomatopeia, grito, fala, pensamento, dúvida, susto, entre outros, sendo que os mais utilizados nas HQs – conforme referenciado pelos próprios discentes – foram os sete últimos. Esses recursos comunicativos foram desenhados no quadro branco (lousa), e também foi feita a explanação das aparições das onomatopeias dentro e fora dos balões e os modos de comunicação de cada personagem. Após ter demonstrado e feito a explanação de cada balão, como e para que serve cada um e qual a sua representação em uma HQ, foi também referenciado o recordatório, retângulo que se usa para exibir falas de narradores, chamando a atenção para que o leitor identifique algo que não esteja visível na cena. Na explanação sobre as onomatopeias, demonstrou-se que estas são imitações dos sons que ouvimos ou emitimos no dia a dia, assim, pode-se dizer que as onomatopeias são palavras que imitam sons.

Além do teor facilitador da informação “contextual”, presente naturalmente na linguagem das histórias em quadrinhos, a interação dos sujeitos cooperativos que compõe as comunidades leitoras dos diferentes gêneros quadrinísticos

colaboram com a potencialização do letramento. (BARI, 2008, p. 119).

As atividades foram precedidas de contato direto com o objeto de interação, sendo propostos o desenvolvimento e as habilidades de leitura e escrita para o letramento. Assim, ao criar o gosto pelas histórias e a vontade de querer criar sua própria história, os alunos fizeram atividades de preenchimento dos balões em uma HQ, refletindo e escrevendo o diálogo que poderia ser representado mediante o desenho em preto e branco que estava em uma folha de papel ofício. A bolsista deu as orientações e se dispôs a ajudar os alunos para caso precisassem de maiores esclarecimentos para a realização da atividade.

Para a confecção do próprio gibi, os alunos trabalharam individualmente e tiveram toda a autonomia para criarem suas histórias em quadrinhos, registrando espontaneamente suas ideias. A sugestão feita pela bolsista foi de que começassem por intitular a HQ e logo depois desenhassem pequenas tiras, formando dois ou três quadros e, então, começassem a descrever o enredo da HQ, com os balões correspondente a cada fala.

Os materiais apresentados geraram uma sequência de fatos, que propiciaram etapas com características relevantes para a aquisição de habilidades, o gosto e o desenvolvimento da leitura e escrita e desempenhou um papel relevante para o ensino e aprendizagem dos alunos na escola, promovendo atividades que foram mediadas pela elaboração de histórias em quadrinhos, como processo facilitador.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa teve como perspectiva a história em quadrinhos, em conformidade com a leitura e a escrita dos alunos, no processo de letramento em uma unidade escolar. A oficina como forma de regência ocorreu no mês de junho de 2014, no turno vespertino, na sala do 5º ano “A”, cuja turma tinha matriculados vinte e quatro (24) alunos, estando presentes para a realização das atividades vinte e dois (22) deles.

A escola pesquisada localiza-se em Bom Jesus da Lapa (BA), e fica situada em um bairro periférico. Assistia no ano de 2014 a aproximadamente trezentos e vinte e três (323) alunos do ensino fundamental. Os sujeitos para a realização da oficina foram a professora de Língua Portuguesa da instituição pesquisada e os alunos da turma “A” do 5º ano.

A abordagem adotada foi a qualitativa, que, segundo Esteban (2010, p 127), “é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais”, possibilitando a obtenção de dados por meio do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, neste caso, os sentidos e significados que a comunidade escolar atribui no contexto da escola em que atua. Para responder as indagações propostas e atingir os objetivos

traçados, utilizaram-se técnicas e procedimentos como observação, a entrevista e os materiais elaborados pelos alunos.

A partir do desenvolvimento da aula (aplicação da oficina de histórias em quadrinhos), e para interação dos alunos com o tema, foram introduzidos como suporte discursivo os gibis logo no início de cada aula, para que os estudantes os manejassem e se familiarizassem com eles. Os alunos puderam fazer a leitura e observar os desenhos, os modos de composição e de montagem de um gibi, e assim serem capazes de falar sobre os personagens, identificando quadro a quadro a história. Também foram ofertadas algumas atividades como: montagem da tirinha na sequência narrativa correta; preenchimento dos balões com falas referentes às ações dos personagens que apareciam na atividade pré-montada; atividades de leitura, escrita e reconhecimento das onomatopéias e formas de composição de modelos de balões e dos quadrinhos.

Para a confecção dos gibis na oficina foi disponibilizada uma revista montada pela bolsista (ID) com os materiais: cartolina e papel ofício, para que os alunos desenhassem e escrevessem as suas histórias. Entre os gibis produzidos na oficina de HQs, feitos pelos alunos, alguns tiveram como tema “Super-Ted e Super Tel”, “A galinha e o Raposo”, “O menino Apaixonado”, entre outros.

Resultados e Discussões

Durante a construção do livro de histórias em quadrinhos, os alunos tiveram total autonomia para criar suas HQs, descrevendo nelas situações do cotidiano. Assim, foi possível observar na introdução, primeira página, da HQ intitulada “A galinha o raposo e a festa de Natal”, do aluno Ricardo, que ele recorre a um recordatório para demonstrar o local que ocorrerá a narrativa, os personagens que aparecerão e a época em que transcorreram os fatos.

Figura 1: HQ elaborado pelo estudante Ricardo.
Tema: A Galinha e o Raposo e a Festa de Natal, 2014.

“ERA UMA VEZ... UMA FAZENDA QUE TINHA TRÊS GALINHAS QUE TINHA UM VELHO QUE SE XAMAVA CHICO E ERA NATAL...”



Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Ao estimular o aluno a criar suas próprias HQs, o professor propicia uma interatividade, como afirma Vilela (2014, p. 128): “esse tipo de atividade, além de permitir a interdisciplinaridade da História, Língua Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar (comunicação escrita, gráfica e pictórica) [...]”.

O aluno apresenta o recordatório para demonstrar um chamamento para a história. Podemos perceber que na escrita o aluno apresenta pontuações, utiliza a narrativa e faz uma observação, lançando mão também dos artigos definido e indefinido e da coerência na redação como um todo, demonstrando preocupação com a parte formal da gramática.

Em vista desse trabalho desenvolvido pelo aluno, concordamos com Vergueiro (2014, p. 19), o qual indica, sobre o modo de utilização das HQs, que elas “[...] podiam ser utilizadas para a transmissão de conteúdos escolares, com resultados bastante satisfatórios [...]”. De fato, o trabalho com as HQs pode potencializar o modo de ensino e aprendizagem, transformando o tempo de aula em um período prazeroso de conhecimento, tanto para o aluno quanto para o mediador do processo. Nesse sentido, pudemos perceber, em meio aos trabalhos dos alunos, que as observações de escrita da primeira HQ produzida também podem ser vistas na HQ da aluna Ágata, cuja produção será exposta aqui em apenas uma de suas partes, sendo ela a primeira página, na qual a aluna demonstra um diálogo com o animal de estimação, diferente da de Ricardo, mas com observações de sequência lógica e natural.

Figura 02: HQ elaborado pela estudante Ágata.
Tema: Gatinho, 2014.



Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

As representações de escrita da aluna referem-se ao que ela queria dizer para o animal, e a feição deste animal é referenciada com o que ela gostaria que ele lhe respondesse. Assim, a forma de apresentação dos quadros na HQ acima traz uma sequência de fatos e desenhos trabalhados da esquerda para a direita, modo como se devem apresentar as HQs, facilitando a leitura e o entendimento dos leitores.

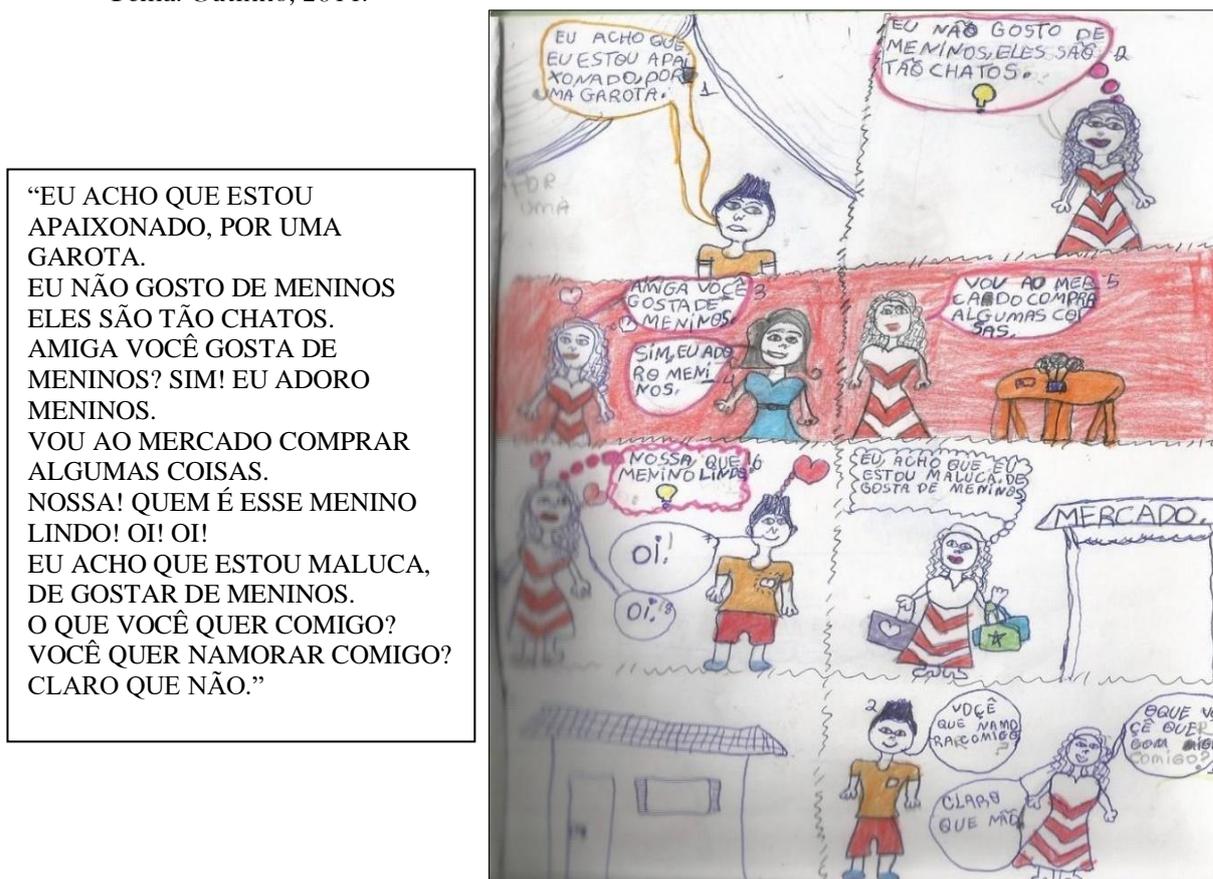
A aluna Ágata traz a história em quadrinhos de um animal querido, evidenciando o seu afeto por ele. As histórias demonstram tanto a vontade do aluno em obter algo quanto a satisfação de conseguir isso. Nesse aspecto, a aluna esboça em sua história um desenho do seu animal com ar de satisfação como se tivesse um sorriso estampado no rosto. Vilela (2014, p. 128) explica que os desenhos dos alunos não precisam ser uma “obra de arte”, basta apenas que sejam funcionais, isto é, possam transmitir uma ideia com eficácia e comunicar os elementos contidos no roteiro.

Por meio dos gibis desenvolvidos pelos alunos, na oficina aqui relatada, pôde-se perceber diversos aspectos na escrita dos alunos. O trabalho com os gêneros textuais, especificamente as HQs, faz com que os facilitadores para o ensino aprendizagem sejam trabalhados com satisfação, estimulando os alunos a relatar o seu cotidiano, por intermédio dos personagens e da escrita. Bari (2008, p. 119) faz algumas colocações em relação à utilização desse gênero, ou seja, “as práticas comunicativas e a troca de impressões, referências e experiências leitoras entre os membros dos grupos sociais de leitores de histórias em quadrinhos criam uma ecologia da comunicação propícia à apropriação da leitura e ao letramento”. A autora enfatiza o letramento como um modo de apropriação comunicativa, fazendo uma junção do trabalho mediado pelas HQs como processo facilitador para a aquisição dos aspectos voltados ao letramento.

O gibi da aluna Paixão retrata um sentimento escondido, no qual apresenta uma narrativa utilizando os balões adequados a cada fala, usando letras bastão e lançando mão de informações visuais e artísticas decorrentes dos desenhos, para demonstrar o momento em que a história decorre, representando graficamente a linguagem.

Figura 03: HQ elaborado pela estudante Paixão.

Tema: Gatinho, 2014.



Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Ao colocar o diálogo e as ilustrações dos personagens, o aluno, a partir do lúdico, relaciona o texto a um facilitador para o reconhecimento e a assimilação de palavras, como ressalta Vergueiro (2014, p. 20): “a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito”.

O modo de utilização das HQs nas salas de aulas se torna um diferencial para que os aspectos nelas trabalhados possam ser mediados de forma a se obter aquilo que foi proposto. Assim, o ensino e a aprendizagem para o letramento, mediados pelos livros didáticos que trabalham em seu contexto as HQs, podem ser atrativos, contribuindo para a construção de melhores resultados nas aulas com o tema gêneros textuais.

Vergueiro (2014, p. 20) destaca ainda sobre as publicações de livros didáticos que

[...] Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos

de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

Considerações Finais

A oficina de histórias em quadrinhos, ministrada a estudantes em uma escola do município de Bom Jesus da Lapa (BA), oportunizou momentos de trocas, diálogos e aprendizagens. Foi identificado na aplicação da oficina que os alunos interagiram com os colegas, mediados pelos conteúdos. Em cada momento, os estudantes demonstravam interesse pela aula, e iam tomando gosto pelas leituras proporcionadas pelos gibis. Assim, a cada aula, havia um ensejo a mais para que eles assimilassem o que lhes era proposto, aumentando progressivamente seu apreço pelos momentos de contato com os gibis presentes na aula e pela escrita de suas próprias histórias.

O que se pode perceber é que os estudantes, tanto na elaboração da escrita quanto na confecção dos desenhos, demonstraram satisfação durante todo o trabalho. Os gibis elaborados pelos alunos refletiram essa interação e, em função da vontade de que as aulas transcorressem bem, os alunos por si mesmos propuseram combinados entre eles, para que esses momentos ocorressem da melhor forma possível.

Em linhas gerais, avaliamos que o letramento a partir dos gêneros textuais, vivenciado no PIBID/FAPESB na educação do ensino fundamental, foi de grande relevância para incentivar a iniciação à docência, pois permitiu compreender como se dá o contexto do trabalho, que envolveu essa etapa de ensino, relacionando o desenvolvimento de habilidades para apropriação da leitura e escrita. Essa experiência possibilitou compreender que as atividades que exploram o cognitivo, o lúdico, e que dão autonomia para os estudantes permitem que eles aprendam e se desenvolvam.

As reuniões para discussão dos textos foram fundamentais, pois proporcionaram ao grupo de estudantes do PIBID a aproximação com a realidade concreta, por meio do exercício da profissão docente, mediante o diagnóstico, a observação e a vivência em sala de aula. Assim, poder trabalhar com alunos a forma como montar sua própria história em quadrinhos, com a escolha adequada dos materiais, proporcionou ricas atividades e diversificou as possibilidades de trabalho com a leitura e a escrita. As crianças foram motivadas a construir os seus próprios gibis e a produzi-los graficamente, contando sobre o seu cotidiano.

Sendo assim, poder mediar essa ação proporcionou experiências significativas para os estudantes, sendo momentos ímpares para a construção de conhecimentos e para a formação dos bolsistas como docentes.

Referências

- AMADO, Ângela Aparecida Fernandes. *Gêneros textuais na alfabetização e letramento*. Orientador: Prof. Me. Paulo Sérgio Fernandes. 2013. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins (SP), 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzellerl. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (Coleção Ensino Superior). 2 CD-ROM.
- BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. Orientador: Waldomiro Vergueiro. 2008. 420 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/t.27.2008.tde-27042009-121512>.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. 2. ed. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.
- ESTEBAN, Maria Paz Sandín. *Pesquisa Qualitativa em Educação: Fundamentos e Tradições*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. DOI: <https://doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v2i1.101>.
- SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005 (Coleção Alfabetização e Letramento).
- TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- VAL, Maria da Graça Costa et al. *Produção escrita: trabalhando com gêneros textuais. Caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2007 (Coleção Alfabetização e Letramento).
- VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinho na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.7-30.
- VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 105-129.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB. *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID*. Salvador: UNEB, 2019. Disponível em: <https://portal.uneb.br/pibid/>. Acesso em: 17 jun. 2021.